

c@striana

Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua Geração



***Criminoso por Ambição,* primícias ingénuas duma obra-prima**

Bernard Emery

Universidade Grenoble – Alpes (França)

Resumo

O livrinho *Criminoso por Ambição*, marca a entrada de Ferreira de Castro na vida literária, no decorrer do ano de 1916, talvez com uma data privilegiada, o dia 7 de Agosto à 1^a da tarde... Fervorosamente escrito durante os anos do seringal, o romance, que havia de sair do prelo, em fascículos, na altura do regresso ao Pará, é a obra de um jovem estreante na carreira das letras. Está cheio de ingenuidades fabulosas, ao limite do absurdo, aliás muito na moda naquela época, mas ao mesmo tempo revela extraordinárias capacidades para um futuro romancista na construção da intriga e da trama narrativa. Faltava apenas que surgisse o pano de fundo da floresta amazónica, pouco retratada ali, e que a grandeza desta natureza, assim captada, viesse a ser ultrapassada por outra grandeza maior, a dignidade do homem, já bem presente no livrinho de ensaio. E assim surgiria *A Selva*... catorze anos mais tarde.

Palavras-chave: A Lã e a Neve, anarco-sindicalismo, anarquismo, Censura, Covilhã, Estado Novo, História, personagens, romance social.

Abstract

The modest little novel *Criminoso por Ambição*, signals Ferreira de Castro's entering literary life in 1916, perhaps at a definite moment, August 7, at 1 p.m.... Keenly written along the author's seringal years,

the novel, which was to be published in instalments on his coming back to Pará, is the work of a young man starting out on his literary career. It abounds in fabulous ingenuity, bordering the absurd, very fashionable, incidentally, at that time, while at the same time revealing uncommon capacities for a would be novelist in plot building and storytelling. Only missing was the backdrop of the Amazon forest, scantily depicted there, and that the greatness of this nature thus captured might be surpassed by a still higher greatness, the dignity of the human being, already present in the tentative little novel, for the *A Selva* to appear ... fourteen years later.

Quando fui consultado pelo Presidente da Direcção do Centro de Estudos Ferreira de Castro, Carlos Castro, a quem devemos a feliz iniciativa deste Centenário de Vida Literária do distinto autor, sobre a oportunidade de fazer uma nova edição do primeiro romance do escritor de Ossela, *Criminoso por Ambição*, que marca efectivamente o início do cômputo para os cem anos, eu disse que a ideia era valiosa, não apenas por razões de arqueologia bibliográfica, mas também porque se encontravam ali as sementes duma futura carreira, hoje largamente consagrada, e a base daquilo que podemos considerar como uma obra-prima que desafia o tempo e as modas, o romance *A Selva*. É apenas o que queria desenvolver aqui.

1. Cronograma da publicação

Ao abordar a génese de CR¹, deparamos imediatamente com um problema de cronologia. Se é tudo de 1916, e se, portanto, a marcação do Centenário não sofre de nenhuma dúvida ou interpolação, não sabemos exactamente quando o livro, quer dizer a narrativa completa, saiu realmente do prelo. Conseguimos mais ou menos reconstituir a génese de CR², aliás intitulado no manuscrito *Amor de Simão*, a partir da época da redacção, ainda no Seringal Paraíso, e a publicação efectiva em Belém do Pará, por conta da «Empresa Editora» F. Lopes. O primeiro sinal da saída do livro é um artigo do jornal de Oliveira de Azeméis, *A Opinião*, datado de 22 de Junho de 1916, que dá conta da notícia com uma mistura singular de simpatia e de distanciamento:

O ultimo correio do Brazil trouxe-nos o primeiro fasciculo d'este sensacional romance do escritor J. M. Ferreira de Castro... Ao seu autor, que cremos ser... de Ossela ou pelo menos muito conhecedor d'esta freguesia agradecemos a gentileza...³

Do mesmo mês de Junho (dia 27) aparece uma carta de um tal Zildo F. Maciel, proveniente de Itacoatiara, no curso médio do Amazonas, a agradecer a remessa do mesmo primeiro fascículo⁴. A partir daí podem-se seguir as saídas regulares dos seis fascículos, até o sexto e último, em Setembro de 1916.

¹ Daqui em diante utilizaremos a sigla CR para designar *Criminoso por Ambição*.

² Cf. Bernard Emery, *José Maria Ferreira de Castro et le Brésil*, tese dactilografada, Aix-en-Provence, 2 vol., 1981, pp. 83-91 e 1121-1122.

³ Cf. Bernard Emery, *op. cit.*, 1981, pp. 90-91.

No entanto, no manuscrito, conservado no Museu de Sintra, que foi redigido e encadernado com tanto esmero e um zelo quase religioso⁵, surgem-nos várias menções do próprio punho do seu jovem autor, referindo-se às datas de redacção e de publicação, acrescentadas a lápis em várias épocas, e nomeadamente uma, no fim do primeiro tomo, bastante curiosa: «Terminei a publicação deste tomo no dia 7 de Agosto de 1916 à 1ª hora da tarde.⁶»

Ora, na versão depositada na Biblioteca Nacional de Lisboa (Reservados 355 30), que utilizámos para as nossas pesquisas, não há indicação de tomo qualquer. Aparecem apenas depois do «Intróito», uma primeira e uma segunda parte, e uma conclusão tão extensa como as duas primeiras partes. No exemplar em fascículos, conservado no Museu de Sintra, é possível identificar os seis fascículos conhecidos, bem como os diversos capítulos, mas as interrupções fazem-se independentemente de o capítulo terminar ou não. De facto, não sabemos por que razão Ferreira de Castro privilegiou essa data, que aliás, e de qualquer maneira, nem corresponde ao acabamento completo da publicação. Ela parece ter, pela sua precisão, uma certa importância psicológica, de natureza simbólica. Ao nosso ver, poderia constituir uma espécie de certidão de baptismo, a marcar a entrada do jovem autor na carreira das letras, ou pelo menos na corporação dos escritores de pleno direito.

2. Um livrinho rocamboloso, bem no gosto da época

Se passarmos agora a uma breve análise do livrinho, há desde o início um adjectivo que se impõe: rocamboloso, termo que, como se sabe, entrou no português, derivado do nome duma personagem do escritor francês Ponson du Terrail, grande especialista de romances cheios de peripécias e imprevistos, muitas vezes perfeitamente extravagantes. No caso de CR são-nos contados os amores contrariados do jovem Simão com a bonita e virginal Beatriz⁷, e portanto da rivalidade entre o tal Simão, pobre e puro, e um chamado Diogo, rico e depravado, que se poderia designar hoje, por influência do cinema, como o mau da fita. A história decorre na terra natal do próprio Ferreira de Castro e inclui, além disso, diversos episódios ligados à emigração, já que o Simão tem que ir para Brasil para melhorar a vida. Mas a trama é constantemente alimentada por cenas dramáticas, nem sempre de perfeita coerência, como combates entre rivais, tentativas de assassinato, rapto da donzela inocente, e mesmo uma luta despiadada com uma onça amazonense, casos esses que servem apenas para retardar o casamento dos namorados e o fracasso final do mal intencionado Diogo.

É interessante a este respeito ressaltar a epígrafe que figura no frontispício do romance e que soa, para o leitor moderno, como inesperado paradoxo. A frase diz assim: «Sensacional romance (expurgado de phantasia)»⁸. Ora, que são senão pura e desenfreada fantasia esses numerosos lances inauditos, ao limite do absurdo, como, por exemplo, a prisão do infeliz Simão, em Manaus, por equívoco policial, ou a incrível

⁴ Este senhor faz parte dos poucos «intelectuais», com quem Ferreira de Castro compartia o seu gosto pela literatura... e pelas charadas. O mais conhecido é Manoel Sabino Durães, verdadeiro mentor do jovem escritor.

⁵ «Escrevi-o [o meu primeiro livro], emendei-o, reescrevi-o com a melhor caligrafia que me havia ensinado, na minha aldeia, durante a instrução primária, “o senhor professor Portela”. Inventei, depois, uma cartonagem e na sobrecapa desenhei o meu nome e o título com letras imitando as tipográficas, para me dar a ilusão de ser um livro – o grande sonho!» («O Primeiro Livro, O Próximo Livro», recorte isolado de 1966 - Museu de Sintra).

Conservámos em todas as citações a ortografia original.

⁶ Há também outras menções a lápis, aparentemente mais tardias, no fim daquilo que é chamado segundo tomo : «Escrito em 1912-1913/ Emendado e copiado – 1914 -1916 / Impresso [1915 riscado] 1916.

Sobre o fim da redacção do manuscrito, encontrámos a data de 24 de Abril de 1913.

⁷ Não sabemos se o jovem guarda-livros do seringal Paraíso teve acesso à obra de Dante, o que é sempre possível pelo carácter enciclopédico dos almanaques (cf. Bernard Emery, *op. cit.* 1981, pp. 48-50 e 509-511), mas o nome é pelo menos predeterminado pela beleza física... e moral da donzela.

⁸ Conservamos aqui, como em todos os documentos antigos, a ortografia original, a qual, neste caso, aumenta de certo modo o efeito de surpresa do leitor moderno.

epopeia do Professor Portela, infeliz caçador. De facto, a expressão «expurgado de fantasia» deve-se entender dentro da estética reinante desde o final do século XIX, em que dominava o realismo dramático e moral, próprio, entre muitos outros, de autores como o romancista espanhol Enrique Pérez Esrich (1829 – 1897), citado no próprio texto de CR: «Neste momento a scena assemelhava-se à de Angelo com Magdalena, na *Mulher adúltera* de Henrique Peres Esrich» (CR, p. 158). Embora estivéssemos já, em 1914-1916, nos meios mais adiantados do mundo literário, no período áureo do modernismo estetizante⁹, o naturalismo tinha deitado raízes profundas¹⁰.

Podemos acrescentar, aliás, sobre esta questão das peripécias aparentemente anárquicas, que os maiores sucessos de livraria da nossa época contemporânea, como o famoso *Da Vinci Code* de Dan Brown, ou mesmo *O Pêndulo de Foucault*, do recém-falecido Umberto Eco, não carecem de lances e situações perfeitamente fantasiosas, se as avaliarmos ao nível da simples verosimilhança. Na realidade, não há mistério nenhum, nem erro possível: o público gosta, e quanto mais estrambótico melhor.

Ao nível da redacção aparecem também bastantes ingenuidades de estilo, como frases feitas, lugares comuns, formulações insípidas, mas a língua é sempre correcta e cuidadosamente verificada¹¹, tornando a leitura fácil e agradável. Aliás, o domínio de certos processos técnicos, como por exemplo a dilação no tempo, revelam já um sentido narrativo agudo. É o caso, por exemplo, da primeira tentativa de assassinato de Simão por parte de Diogo, em que não sabemos imediatamente porquê e por quem o agressor ficou ferido, salvando assim a vida do agredido. Se, globalmente, o texto revela certas escórias, como se diz na gíria literária, há ali também boas promessas para o futuro.

De qualquer maneira, o próprio Ferreira de Castro, um bom conhecedor, desde já, da matéria literária, nunca se iludiu muito sobre a qualidade intrínseca do seu primeiro ensaio a ser publicado, mas nem por isso deixou de considerá-lo como a consagração da sua vocação de escritor, dali em diante definitiva e inquebrantável:

É sabido que um escritor ou poeta de vocação, mesmo que se encontre em graves dificuldades materiais, prefere ver editado o seu livro, sobretudo se se trata do primeiro, do que o lucro que dele lhe possa advir. O meu romance chamava-se *Criminoso por Ambição* e não tinha merito algum. Mas nunca mais a literatura me produziu uma alegria tão grande como a que tive quando vi em letras tipográficas essas ingénuas páginas aurorais, que escrevi aos catorze anos, cheio de nostalgia, de sonho e de esperanças. Impressos, os nomes das personagens que eu havia criado davam-me a sensação de ser um deus. Ia descendo a Rua 1º de Maio¹², era já de noite, e junto de cada poste de candieiro público, detinha-me, reabria o exemplar que levava e, com uma volúpia que jamais voltou assim intensa, não cessava de reler as suas identidades...»¹³

E este legítimo prazer do criador, que ia repetir-se inumeráveis vezes, começou muito naturalmente pela metamorfose dos elementos autobiográficos em matéria narrativa. É a primeira fase de outra feliz metamorfose, a do jovem incipiente para o autor consagrado.

3. A primeira tentativa para transformar em arte os elementos autobiográficos, entre o amoroso e o social

Todo o autor, é coisa bem conhecida, começa por escrever a sua própria vida. No caso de Ferreira de Castro temos além disso elementos que esclarecem alguns pontos obscuros, ou discutidos, sobre as verdadeiras motivações que determinaram o futuro escritor a emigrar para o Brasil. Descartámos, como

⁹ CR é contemporâneo de *La Recherche du temps perdu* de Proust!

¹⁰ Zola é também citado no texto de CR («Zola, illustre na descrição...», p. 158).

¹¹ A versão da Biblioteca Nacional inclui, no fim, uma página de errata.

¹² Em Belém do Pará, claro está.

¹³ Texto dactilografado duma entrevista, sem data, provavelmente de 1966, conservada no Museu Ferreira Castro.

muitos outros, aquilo que chamámos «a lenda do desengano de amor»¹⁴. Mas a presença da personagem de Beatriz, e o idílio contrariado com Simão, remetem inevitavelmente para outro caso de amor contrariado, o do (muito) jovem José Maria e da menina Margarida. Havia lá com certeza gato escondido...

De resto, apesar deste embelezamento literário, o próprio CR revela com toda a clareza a verdade: Simão Rafael dos Anjos foi para o Brasil porque era pobre e queria ganhar a vida, em conformidade com as suas legítimas ambições. Só podia ser feito nessas circunstâncias um pequeno reparo, algo irónico: porque é que o jovem não se aproveitou da riqueza do futuro sogro, já que tinha para isso todas possibilidades largamente abertas? Mas se fosse assim, não havia romance, e ainda menos beleza moral.

Por outra parte, e a meio caminho entre o económico e o autobiográfico, descobrimos, com o episódio fantástico da onça amazonense (*vide supra*), que o tal Simão tinha chegado a «feitor», portanto um desses terríveis capatazes que vão reaparecer em *A Selva*. Aqui não há nenhum guarda-livros, mas não se perde de vista o aspecto económico: embora não haja outro detalhe, vê-se que emigrar é para ganhar mais. Aliás, vamos estudar a seguir o rico futuro deste lance curioso, que tem ainda outra característica relevante.

Só falta uma última advertência sobre o assunto autobiográfico, mas desta vez de pura invenção literária, a presença do Professor Portela, personagem real, a quem Ferreira de Castro rendeu muitas vezes homenagem (cf. nota nº5). Assim, as desgraças do gentil caçador conduzem a reflexões interessantes sobre as potencialidades do imaginário, reunindo num conjunto bastante estranho lembranças laudativas e invenções dramáticas totalmente inesperadas.

4. A base apenas esboçada, mas já devidamente entendida e captada, da futura filosofia telúrica e humana do autor

Fora disso, e tirando alguns elementos recuperados em *Emigrantes*, o primeiro grande romance da maturidade, como a cautela que salva Simão da miséria, da mesma maneira que a jóia recuperada num cadáver permite a Manuel da Bouça regressar a Portugal com algum dinheiro, o esquema básico de CR é fundamentalmente o de *A Selva*, deslocado do século XIX para os anos 20 do século seguinte, e com uma personagem central amadurecida, portadora duma mensagem filosófica, além disso sem resquícios de qualquer história de amor.

Mas é aí também, quer dizer na Amazónia, que tudo muda com a entrada no palco da grande ausente do primeiro esboço, a floresta amazónica, nova personagem que surge com toda a sua imensa majestade. Ausente sim, no desenvolvimento grandioso que terá no futuro, mas já anunciada num pequeno trecho, quase anódino, que se refere globalmente ao mundo tropical, e especialmente ao rio e arredores:

Quem pela primeira vez vê o caudaloso Amazonas, essa monstruosidade líquida, tem logo a impressão de que ali tudo é grande e significativo. Nas margens arbustos e arvores entrelaçam-se numa confusão mystica. Aqui uma praia formosa onde adejam gaivotas multicolores, ali a terra deslocada formando um grande barranco ingreme, que para vingar-se da arvore que lhe suja a seiva, a despenha do alto no imenso campo sem plantio que lhe corre aos pés. Tudo é bello e sublime! (CR, p. 74-75).

Se repararmos bem, nomeadamente na adjectivação, temos já um esboço das melhores descrições telúricas da obra-prima, no combate grandioso entre eros e tânatos, na inevitável dimensão espiritual do conjunto, na portentosa grandeza da natureza e pequenez do homem, pouco a pouco exaltado e enlevado pelo ambiente.

Por outra parte, não é por puro acaso, sem a menor dúvida, que o texto fundador, ou pelo menos mais significativo, do Padre António Vieira sobre a celeberrima teoria do Quinto Império, a famosa carta ao Bispo do Japão, que motivou aliás a intervenção da Inquisição, tivesse sido escrito num barco, nesse mesmo

¹⁴ Cf. Bernard Emery, *A Utopia humanista e luso-tropical na obra de José Maria Ferreira de Castro*, trad. de Olinda Marques, texto dactilografado, em via de próxima publicação, pp. 35-45.

«caudaloso Amazonas»¹⁵. Há assim encontros totalmente inesperados que se tornam notavelmente reveladores.

Aliás, não devemos esquecer, que fora mesmo do aspecto descritivo, o verdadeiro leme do grande romance está todo ali, na relação entre a majestade da selva e a pequenez do homem, que pouco a pouco se transforma e se inverte na grandeza da dignidade humana frente à barbárie selvática, a da natureza impiedosa, mas também, à imitação dela, a dos capatazes e do coronel seringalista. E mesmo se o exotismo, o pitoresco tropical pode atrair, e atrai, boa parte do público, a força fundamental do romance reside nessa grandiosa inversão.

E é ali que toma todo o seu interesse o episódio da onça, que criticámos por ser afabulação gratuita sem relação verdadeira com a intriga geral, mas que na realidade vai revelar, através da personagem do Negro Manuel, a figura do homem justamente revoltado. Quando agredido pela onça, e vencido por ela, o coitado do Simão pede a ajuda do seringueiro, o qual lhe faz esta resposta inequívoca:

Salvar-te, eu? Ah! Ah! Ah! Não... nunca! Salvar-te a ti, a quem o maldito patrão dá bons ordenados, boa meza, boa cama e ainda por cima de tudo isso manda-te apurar o meu serviço; sendo quasi sempre de ti de quem depende minha sorte! (CR, pp. 86-88).

Ora na revolta do Negro Manuel temos em filigrana outra revolta de outro negro, desta vez o antigo escravo Tiago, que de facto determina o desenlace trágico de *A Selva* e, nessa base, a «conversão» de Alberto ao humanismo, feito de compreensão e de solidariedade, de facto a concepção vital do próprio autor... Entretanto, como se sabe, o projecto amadureceu, nomeadamente em dois textos da chamada «primeira fase», *Sangue Negro* (1923) e *O Escravo Redimido* (1924)¹⁶.

Daí também a ligação que se vai efectuar entre a questão social e a ética, bastante maniqueísta em CR e muito mais ponderada, mas sempre presente, nas obras de maturidade, e nomeadamente em *A Selva*.

5. A Interface fundamental entre justiça social e ética

Fora do episódio acima referido, e prometido a importante futuro, a crítica social e moral do «mundo da ostentação», o mundo superficial da época do «boom da borracha» no Brasil¹⁷, é também sensível em CR. Aliás, a própria palavra, ali sob a forma verbal, evidencia a relação que se estabelece a este duplo nível:

Agora, era indispensável retirar-se dali, porque o patrão era um destes verdadeiros burgueses que ostentavam a sua fidalguia explorando o suor bemdito do trabalho dos seus subalternos (CR., p. 88).

E é assim que entendemos melhor a presença premente do meio social, básica na dicotomia moral entre os dois rivais, Diogo e Simão. A perversão pelo dinheiro é um lugar comum desde o século XIX, no que se refere à produção romanesca, e vai ter maior força ainda naquilo que daqui a pouco vai despontar no panorama literário, e que se chama o neo-realismo.

Mas no caso de Ferreira de Castro, esta componente, de nítido sabor marxista, ou pelo menos socializante, vai cobrar uma dimensão humanista, que desemboca numa forma de empatia e portanto de capacidade de perdão. Em CR, depois dos horrores atribuídos à malvadez do desgraçado Diogo, surge-nos uma surpresa: no desenlace feliz, o «happy ending», quase inevitável e anunciado desde há muito, é concedido também o perdão ao acima mencionado Diogo, apesar de todas as violências cometidas. Uma tal atitude remete também para o desenlace de *A Selva*, onde depois do crime do Negro Tiago, Alberto, advogado de formação, imagina como poderia defender o réu, apesar do carácter horrível do acto perpetrado.

Como tivemos a oportunidade de desenvolvê-lo, esta característica, fortemente marcada, do humanismo castriano tem as suas raízes no franciscanismo básico da alma portuguesa e vai integrar o fundo

¹⁵ Cf. R. P. Antoine Vieyra S.J., *Histoire du Futur*, traduction, introduction et notes de Bernard Emery, Grenoble, ELLUG, 2015 (em particular p. 38 e 49-54).

¹⁶ Publicado sob o título geral de *Sendas de Lirismo e de Amor* (ed. Spartacus, Lisboa, 1914).

¹⁷ Cf. Bernard Emery, *op. cit.*, 1981, pp. 93-95, e 527-535.

ético de *A Selva*, como, aliás, grande parte da obra romanesca, nomeadamente em *Eternidade*, *A Missão*, ou *A Tempestade*, por exemplo.

Podemos portanto descrever com bastante facilidade os lineamentos que conduzem, vinte e quatro anos mais tarde, de CR até a perfeição formal de *A Selva*.

6. O caminho aberto para a obra-prima e as suas diversas fases

É óbvio, desde o início, que o esquema básico permanece idêntico: um emigrante (cada vez menos jovem) que se defronta com a selva, na vida dos seringais. Na obra acabada penetramos completamente no mundo vegetal, e sobre tudo, humano dos seringais.

Em segundo lugar, assistimos à assimilação progressiva, e tradução definitiva em termos de arte, da «hantise», ou seja a obsessão da floresta, como a denominou Blaise Cendrars, ao traduzir o romance¹⁸. E este processo vai-se enriquecendo com todo o aparato espiritual que uma tal imersão telúrica e cósmica pode gerar.

Este feliz amadurecimento corresponde, por outra parte, a um profundo enriquecimento do sentido humano, que nasce na questão da pobreza, ligada à ética e aos comportamentos sociológicos, e que pouco a pouco ultrapassa esse quadro maniqueísta para chegar a uma fé universal no Homem¹⁹.

E temos que notar, enfim, os progressos constantes, em matéria de estilo, sabendo que o ponto de partida foi o nível humilde de um aluno de quarta classe, mas apoiado sempre no trabalho firme e constante do autodidacta, numa capacidade incansável de leitura e numa curiosidade intelectual pouco comum.

Houve em certa altura, sobre esta questão, um debate, aliás amistoso, entre Francisco Costa e Ferreira de Castro, sobre a questão do estilo, o primeiro considerando-se melhor estilista que o segundo. Ora, sem fazer caso de qualquer rivalidade de criador e de artista, é evidente que o estilo de Ferreira de Castro é simplesmente lindo e claro, esmeradamente correcto e acessível a qualquer tipo de leitor. Aliás, o próprio Cendrars, ao traduzir *A Selva*, declarou, no prefácio, que tinha que lidar, na sua tradução, com «um brilhante, um ardente estilista»²⁰.

Podemos também acrescentar duas advertências, uma sobre o extraordinário cuidado com que Ferreira de Castro efectuou as revisões dos seus textos, chegando mesmo a produzir uma nova edição revista, em 1970, para a vigésima quarta edição de *A Selva*²¹, e outra para introduzir aqui uma figura de mulher, a de Diana de Liz²², a quem foi dedicado o imortal romance, e que, a nosso ver, teve, antes de desaparecer cedo de mais, um papel determinante na gestação da verdadeira identidade estilística e estética do seu companheiro.

Toda a gente conhece, com certeza, o discurso de recepção do único prémio Nobel de literatura em língua portuguesa, o saudoso José Saramago, palestra magistral e histórica pronunciada em 1998, em Estocolmo²³. Ora, o tema central do discurso, é precisamente «o escritor como aprendiz», ou seja, para ser mais explícito, de que maneira o verdadeiro criador passa a vida a aprender. Nada mais adequado para Ferreira de Castro, o tipo mesmo do aprendiz bem conseguido.

Algumas palavras de conclusão

Gostaria apenas de terminar com algumas palavras, decorrentes daquilo que dissemos sobre a simplicidade e a clareza do estilo de Ferreira de Castro. O escritor de Ossela é, por excelência, o autor que se deve aconselhar à juventude no âmbito das formações escolares. Nos anos 50, um jornalista brasileiro dedicou ao nosso autor um artigo intitulado «Ferreira de Castro: escritor do povo»²⁴. Achamos a expressão

¹⁸Cf. Bernard Emery, *op. cit.*, 1981, p. 329.

¹⁹ Cf. Bernard Emery, *op. cit.*, 2014, pp. 220 *et sq.*

²⁰ *Forêt Vierge*, trad. de Blaise Cendrars, Paris, Grasset, s.d. [1938], pp. III-IV.

²¹ Cf. Bernard Emery, *op. cit.*, 1981, pp. 328-329.

²² [Maria Eugénia Haas da Costa Ramos,] Cf. Bernard Emery, *op. cit.*, 2014, p. 116.

²³ Cf., por exemplo, *Jornal de Letras*, n.º 736, Lisboa, Dez. de 1998, pp. 10 –13, ou Fundação José Saramago, www.josesaramago.org/nobel.

²⁴ Afonso Schmidt, «Ferreira de Castro : escritor do povo», *Notícias de Hoje*, S. Paulo, 15 de Nov. de 1953.

particularmente feliz para designar aquele que escreve para o Povo, na língua e na estética do Povo.

Além disso, Ferreira de Castro é o autor que soube, a nosso ver, entender duma maneira extremamente profunda o âmago da alma portuguesa e do imaginário da cultura lusa. Daí o interesse em analisar a fundo a totalidade de suas obras, inclusive as obras de viagens e de divulgação sobre a arte e as civilizações, e aplicar, se necessário for para melhor esclarecimento, as chaves pertinentes do luso-tropicalismo, entendido como missão histórica dos Portugueses. Nada disso se encontra ainda em CR, ou bastante pouco, mas só faltava um passo para chegar ali, alguns anos mais de aprendizagem, talvez com certa presença feminina, uma conscientização mais forte e mais precisa da grandeza humana, e este eterno milagre da arte que sublima a sensação, a intuição, a ideia, em preciosidade eterna.



Figura 1 – capa do III fascículo

